

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Boston Symphony Chamber Players

Abril 14, 15 e 16

Les Arts Florissants

William Christie, regência

Abril 27, 28 e 29

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Yuri Temirkanov, regência

Maio 6, 11 e 12

Boston Symphony Chamber Players

Junho 2, 3 e 4

Dezső Ranki, piano

Junho 29 e 30 – Julho 1

Orquestra Sinfônica de Montreal

Charles Dutoit, regência

Agosto 24, 25 e 26

Quarteto de Tóquio

e **Barry Douglas**, piano

Setembro 14, 15 e 16

The Philharmonia Orchestra

John Eliot Gardiner, regência

Lynne Dawson, soprano

Setembro 24, 25 e 28

The Academy of Ancient Music

Christopher Hogwood, regência

Nancy Argenta, soprano

Novembro 3, 4 e 5

Orquestra da Toscana

Umberto Benedetti Michelangeli, regência

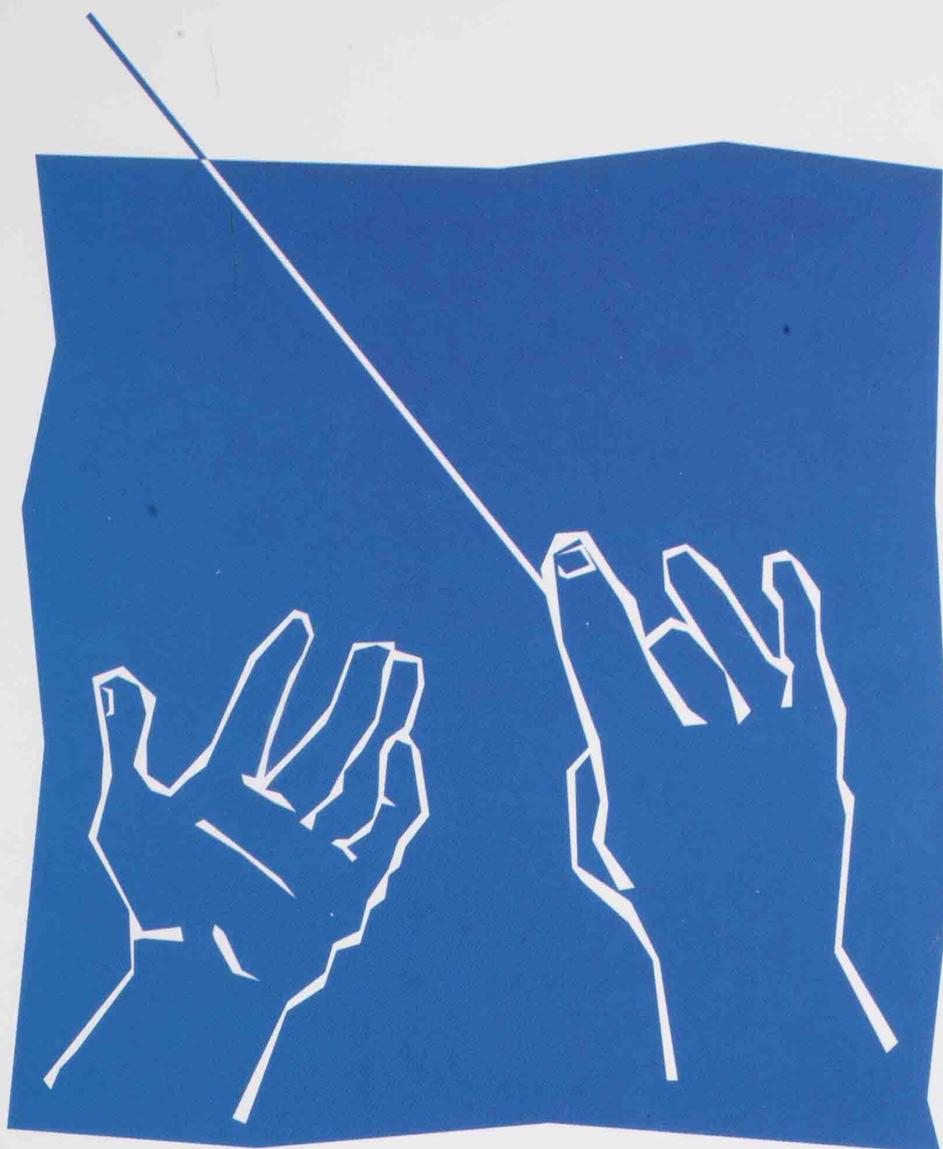
Gianluca Cascioli, piano

Novembro 24, 25 e 26

Orquestra Nacional da Espanha

Rafael Frühbeck de Burgos, regência

Pepe Romero, violão



BankBoston. Arte em grandes negócios.



Informações: 0800-55-1784
www.bankboston.com.br

Temporada 98

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apresenta

Boston Symphony
Boston Symphony
Chamber Players
Chamber Players



promoção



patrocínio



VOLKSWAGEN



Boston Symphony Chamber Players

Boston Symphony Chamber Players



[Faint, illegible signature]





respeito de uma de suas apresentações, o *Los Angeles Times* escreveu: "De vez em quando, um concerto reitera os padrões que os músicos devem aspirar a alcançar e sublinha o potencial de emocionar que uma performance de qualidade é capaz de conter. *Boston Symphony Chamber Players* realiza esse despertar". E sobre seus concertos em Boston, o jornal *The Boston Globe* tem afirmado: "A mais refinada música de câmara possível"... "Charme com eloquência!"... "Um pedaço do céu sobre a terra". *Boston Symphony Chamber Players*: a nata dos músicos de uma das melhores orquestras do planeta reunida para fazer música de câmara de qualidade suprema.

Único conjunto permanente de música de câmara patrocinado por uma grande orquestra sinfônica, *Boston Symphony Chamber Players*, em sua formação original e plena, é integrado pelas primeiras cordas e pelos músicos principais das estantes das madeiras, dos metais e da percussão da Orquestra Sinfônica de Boston. Os *Chamber Players* abordam praticamente qualquer peça da literatura camerística e podem ampliar seu repertório mobilizando membros da Sinfônica de Boston, ou convidando solistas de renome, como o pianista Gilbert Kalish, que toca regularmente com o grupo, para empreenderem juntos sua visita às melhores páginas escritas para *ensembles* de câmara de diversos formatos. Fiéis ao espírito de versatilidade e originalidade que os anima, *Boston Symphony Chamber Players*, em seus concertos na Temporada Cultural Artística 1998, apresenta-se em formação de dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa e piano.

As atividades dos *Chamber Players* compreendem séries anuais de concertos no *Boston's Jordan Hall*, participações no Festival de Tanglewood, turnês norte-americanas e internacionais e gravações em estúdio. Além de seus concertos regulares por todos os Estados Unidos, o grupo já realizou, nos últimos anos, seis temporadas na Europa e três temporadas no Japão, e apresentou-se também na América do Sul e na Rússia.

Da discografia do conjunto, registrada sobretudo para o selo *Nonesuch*, destacam-se os seguintes álbuns: *Words from Paterson*, de John Harbison, com o barítono Sanford Sylvan; Septeto de Beethoven e Octeto de Schubert; Trio para Piano em Sol maior, de Smetana, e Sexteto de Cordas, de Dvorák; Quintetos de Cordas de Brahms; e Obras de Aaron Copland e Leon Kirchner. Recentemente, a *Philips* lançou a gravação que *Boston Symphony Chamber Players* e o clarinetista Harold Wright realizaram dos Quintetos para Clarinete e Cordas de Mozart e de Brahms, e o selo *Arabesque* lançou seu álbum com o Quarteto para Clarinete, Violino, Violoncelo e Piano, de Hindemith, e o Quinteto com Piano, em Sol maior, de Shostakovich.



Boston Symphony Chamber Players

Malcolm Lowe, violinista e líder do conjunto, foi designado *Spalla* da Orquestra Sinfônica de Boston em 1984, depois de ocupar essa mesma posição na Orquestra Sinfônica de Québec, de 1977 a 1983. Um dos vencedores da edição de 1979 do Concurso Internacional de Violino de Montreal, apresentou-se várias vezes como solista com a Sinfônica de Boston e com outras grandes orquestras norte-americanas e canadenses. Paralelamente a suas atividades como *Spalla* da Sinfônica de Boston, Malcolm Lowe desenvolve também carreira como camerista e integra o corpo docente do Conservatório da Nova Inglaterra e do *Tanglewood Music Center*.

Natural do estado de Oregon, a violinista Marylou Speaker Churchill integra as cordas da Sinfônica de Boston desde 1970, é *Spalla* dos Segundos Violinos desde 1977 e participa regularmente das apresentações de *Boston Symphony Chamber Players* nos Estados Unidos e nas turnês internacionais do conjunto. Solista, recitalista e camerista de destaque, desenvolve também atividades pedagógicas tanto nos Estados Unidos – onde faz parte do corpo docente do Programa de Verão *Musicord* e da Escola Preparatória do Conservatório da Nova Inglaterra –, como em diversos outros países.

Primeira Viola da Sinfônica de Boston desde 1996, Steven Ansell, natural de Seattle, estudou com Michael Tree e Karen Tuttle no *Curtis Institute of Music*. Como violista e co-fundador do *Muir String Quartet*, de Boston, realizou mais de 40 turnês na Europa e tocou na maioria das capitais do mundo e nas principais cidades dos Estados Unidos.

Natural da Filadélfia, Jules Eskin é o violoncelista de *Boston Symphony Chamber Players*. Vencedor do Prêmio Naumberg, Jules Eskin foi Primeiro Violoncelo da Orquestra de Cleveland, antes de assumir essa mesma posição, em 1964, na Sinfônica de Boston. Com essa Orquestra apresenta-se também como solista e gravou composições para violoncelo de Gabriel Fauré, para o selo *Deutsche Grammophon*.

Edwin Barker é Primeiro Contrabaixo da Sinfônica de Boston desde 1977, posição que passou a ocupar logo após formar-se pelo Conservatório da Nova Inglaterra. Solista e camerista consagrado, tocou na América do Norte, na Europa e no Oriente. Como solista, já se apresentou com a Sinfônica de Boston, com a Orquestra *Boston Pops* e com a *Pro Arte Chamber Orchestra*. Edwin Barker integra o corpo docente do *Tanglewood Music Center* e da Universidade de Boston.

Jacques Zoon, o flautista dos *Chamber Players*, foi designado Primeira Flauta da Sinfônica de Boston em 1997. Nascido na Holanda, foi Primeira Flauta da Orquestra Filarmônica de Haia por quatro anos, e ocupou essa mesma posição na Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, entre 1988 e 1994. Como Primeira Flauta, Jacques Zoon já atuou também na Filarmônica de Berlim e na Sinfônica de Londres e vem colaborando com a Orquestra de Câmara da Europa desde 1989.

Integrante da Orquestra Sinfônica de Boston desde 1960, o oboísta Keisuke Wakao nasceu em Tóquio, formou-se pela *Manhattan School of Music* e aperfeiçoou-se no *Tanglewood Music Center*. Keisuke Wakao integra também o corpo docente do Conservatório da Nova Inglaterra.

O clarinetista William R. Hudgins ingressou na Sinfônica de Boston em 1992 e foi designado seu Primeiro Clarinete em 1994. Ex-Primeiro Clarinete da Orquestra Sinfônica de Charleston, foi bolsista do *Tanglewood Music Center*, em 1979, e participou dos festivais de Spoleto e Aspen. William Hudgins apresentou-se pela primeira vez como solista da Sinfônica de Boston em outubro de 1995, e em fevereiro de 1997 foi o Clarinete Solista da turnê dessa Orquestra na Flórida e nas Ilhas Canárias.

Richard Svoboda é Primeiro Fagote da Orquestra Sinfônica de Boston desde 1989. Antes disso, foi por dez anos Primeiro Fagote da Sinfônica de Jacksonville, na Flórida. Nascido em Nebraska, é professor do Conservatório da Nova Inglaterra, da Universidade de Boston e do *Tanglewood Music Center*. Como solista da Sinfônica de Boston, tocou o Concerto para Fagote, de Weber, em outubro de 1995.

O mais novo membro de *Boston Symphony Chamber Players* é James Sommerville, que assumiu o posto de Primeira Trompa da Sinfônica de Boston em janeiro de 1998, depois de ter tocado com a Sinfônica de Toronto, sua cidade natal, e de ter ocupado as posições de Segunda Trompa da Sinfônica de Montreal e de Trompa Solista da *Canadian Opera Company Orchestra*. James Sommerville tem-se apresentado regularmente como solista no Canadá e na Europa e gravou, recentemente, os Concertos para Trompa, de Mozart, para o selo *CBC*.

Gilbert Kalish, Pianista Convidado dos *Chamber Players* desde 1970, apresenta-se regularmente em recitais solo e de câmara no Festival de Tanglewood, além de ser solista convidado de conjuntos como os Quartetos Juilliard, Guarneri e de Tóquio, e da Sociedade de Música de Câmara do *Lincoln Center* de Nova Iorque. Autor de discografia que supera a marca de 80 gravações, Kalish é Professor de Piano da Universidade Estadual de Nova Iorque. Em abril de 1995, foi indicado para o Prêmio Paul Fromm, por sua destacada contribuição para a música de nosso tempo.



PROGRAMAS

Série Branca

6 de maio, quarta-feira, 21h

AARON COPLAND (1900 - 1990)

Duo para Flauta e Piano

Flowing

Poetic, Somewhat Mournful

Lively with Bounce

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 - 1791)

Quinteto para Piano e Sopros em Mi bemol maior, K.452

Largo - Allegro moderato

Larghetto

Rondo (Allegretto)

intervalo

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 - 1827)

Septeto para Cordas e Sopros em Mi bemol maior, opus 20

Adagio - Allegro con brio

Adagio cantabile

Tempo di Minuetto

Tema con Variazioni: Andante

Scherzo: Allegro molto e vivace

Andante con motto alla marcia - Presto

Série Azul e Série Verde

11 e 12 de maio, segunda e terça-feira, 21h

AARON COPLAND (1900 - 1990)

Duo para Flauta e Piano

Flowing

Poetic, Somewhat Mournful

Lively with Bounce

BENJAMIN BRITTEN (1913 - 1976)

Quarteto-Fantasia para Oboé e Cordas, opus 2

Andante alla marcia - Allegro giusto -

Molto piu lento - Molto piu presto -

Tempo I: Andante alla marcia

intervalo

FRANZ SCHUBERT (1797 - 1828)

Octeto em Fá maior para Cordas e Sopros, D.803 (op. post. 166)

Adagio - Allegro

Adagio

Allegro vivace: Trio

Andante

Menuetto: Allegro, Trio

Andante molto - Allegro



Boston Symphony Chamber Players

Violinos

Malcolm Lowe

Marylou Speaker Churchill

Viola

Steven Ansell

Violoncelo

Jules Eskin

Contrabaixo

Edwin Barker

Flauta

Jacques Zoon

Oboé

Keisuke Wakao

Clarinete

William R. Hudgins

Fagote

Richard Svoboda

Trompa

James Sommerville

Pianista Convidado

Gilbert Kalish



PRÓXIMAS ATRAÇÕES

Dezsö Ranki, piano

2 de junho, terça-feira

Haydn: Sonata em Lá bemol maior

Schubert: Momentos Musicais

Debussy: Images I e II

Bartók: Sonata Sz 80

3 de junho, quarta-feira

Programa Schumann

Waldszenen

Humoresque em Si bemol maior

3 Romances

Estudos Sinfônicos

4 de junho, quinta-feira

Haydn: Sonata em Lá bemol maior

Schumann: Estudos Sinfônicos

Debussy: Images I e II

Liszt: Mephistowalz



Na BOVESPA, a cultura
está sempre em alta.

A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

AARON COPLAND (1900 – 1990)

Duo para Flauta e Piano

Nascido em Nova Iorque em uma família de judeus europeus, Aaron Copland tornou-se um dos compositores mais profundamente norte-americanos de nossa época. Ensaísta, pianista, regente, professor, administrador e animador musical, desempenhou papel importante na divulgação da música moderna nos Estados Unidos.

Depois de estudar em sua cidade natal, resolveu, aos 20 anos, passar uma temporada na trepidante Paris dos anos 20. Ali frequentou os cursos de Nadia Boulanger e entrou em contato com o fundamental da música contemporânea que então se fazia no continente europeu. Desejou realizar música que refletisse o aspecto grandioso da América, o que fez com recursos variados, que iam do jazz a Stravinsky, passando por Fauré, Mussorgsky e Scriabin. De volta ao seu país, trabalhou intensamente para impor ali um repertório moderno e suas próprias obras, de tendência nacionalista, que algumas vezes se alimentaram de motivos retirados do folclore. Posteriormente, sua paleta sonora já bastante colorida ainda ganharia certas cores latino-americanas, graças às viagens que fez ao México e à América do Sul. Recebeu os principais prêmios e lãureas de seu país e, além de livros, produziu programas para a televisão e escreveu trilhas sonoras para documentários e filmes de ficção. Dono de uma vasta obra em vários gêneros, suas partituras mais difundidas são a ópera para crianças *The Second Hurricane*, as peças orquestrais *El Salón México* e *Lincoln Portrait*, os balês *Billy the Kid*, *Rodeo* e *Appalachian Spring* e a ópera *The Tender Land*.

O Duo para Flauta e Piano, de 1971, foi escrito a pedido de alunos e de James Kincaid, Primeiro Flautista da *Philadelphia Orchestra* durante longos anos. Inicia-se com um lírico solo da flauta a qual, em seguida, vê-se acompanhada por suaves harmonias do piano. O uso

de triades e de escalas habituais também está no segundo momento, no qual o compositor, uma vez mais, empregou a música para "exteriorizar os sentimentos íntimos". Seu final liga-se diretamente ao brilhante e saltitante movimento de encerramento da peça.

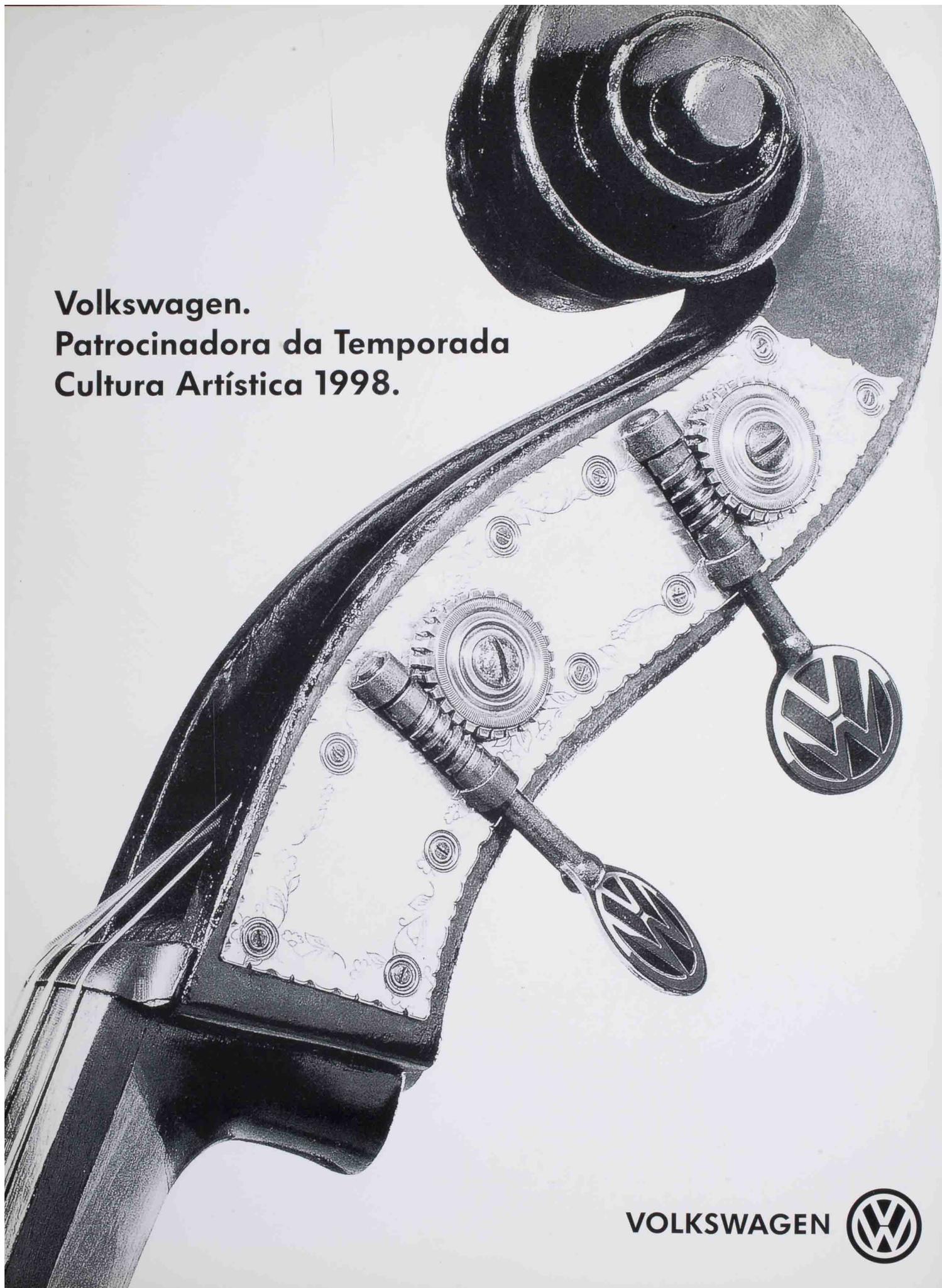
WOLFGANG A. MOZART (1756 – 1791)

Quinteto para Piano e Sopros em Mi bemol maior, K.452

Livre do humilhante jugo do Arcebispo Colloredo de Salzburgo, Mozart vivia um período particularmente feliz em Viena, quando escreveu o Quinteto K.452. Completou-o no dia 30 de março de 1784, para mostrá-lo ao público da capital austríaca dois dias mais tarde. A recepção calorosa dada à obra levou o compositor a escrever ao pai falando do sucesso e, também, do fato de considerá-la a melhor coisa que inventara até então. O juízo do músico justificava-se, pois ele criara uma partitura modelar no gênero, jamais ultrapassada por experiências de outros compositores no âmbito da mesma formação instrumental. De fato, o Quinteto que agrupa piano, oboé, clarineta, trompa e fagote é uma autêntica obra-prima no que se refere à fartura de idéias extraordinariamente bem encadeadas, como também ao virtuosismo do dado instrumental, que exigiu muito de seu criador a fim de que soasse como um todo simultaneamente variado e harmonioso.

O *Largo* inicial, construído em seqüências, exhibe os instrumentos isoladamente e em conjunto. Ligando-se diretamente ao *Allegro moderato*, estabelece com ele um forte contraste. Nesse andamento animado, especialmente notável é a ciência revelada por Mozart no tratamento dos instrumentos de sopro, por meio de frases curtas e como que vistas através de um caleidoscópio. O esperado movimento lento, *Larghetto*, concretiza uma espécie de forma-sonata simplificada. Aí, em vez do desenvolvi-

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1998.**



VOLKSWAGEN 



mento, a trompa apresenta um novo tema, levando a música para paragens harmônicas inesperadas. A recapitulação também surpreende, por exibir uma instrumentação variada. O *Rondo (Allegretto)*, dominado por um tema cativante e por episódios repletos de contrastes, é encerrado de maneira bem-humorada, com música que lembra a de uma animada *opera buffa*.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827) **Septeto para Cordas e Sopros** **em Mi bemol maior, opus 20**

Foi entre 1799 e 1800 que Beethoven escreveu o seu Septeto para Violino, Viola, Violoncelo, Contrabaixo, Clarineta, Fagote e Trompa em Mi bemol maior, opus 20, dedicando-o à imperatriz Maria Teresa da Áustria. A aristocracia e a burguesia vienenses haviam acolhido o compositor de braços abertos quando, saindo de Bonn, ele fora para a "capital da música" a fim de completar sua formação. Beethoven era, então, o pianista da moda que se apresentava nos principais salões da cidade. E compunha sobretudo para piano e grupos de câmara, ao mesmo tempo em que fazia suas primeiras incursões orquestrais – dois concertos para piano e a Primeira Sinfonia.

As partituras que Beethoven redigiu nesse período atestam o seu alto grau de domínio da escritura e da estilística da época, ao mesmo tempo em que denunciam seus principais modelos – Haydn e Mozart. Elas não denotam, como o Beethoven posterior, a vontade de experimentar novos caminhos. Querem mais é agradar ao público – algo que mais tarde o compositor rejeitaria de tal maneira que, certa vez, ao saber do sucesso do Septeto em Londres, manifestou o desejo de destruir a partitura. A posteridade seria mais condescendente com essa obra. Não sem razão: baseado no modelo da serenata mozartiana, o Septeto agrada o conhecedor pelo completo domínio formal aí demonstrado; e o amador encontra nele a desenvoltura melódica e o tom despreocupado de um autêntico divertimento. E mais: mesmo desejando divertir o público, Beethoven jamais foi superficial, o que confere à obra um estofamento evidente.

Os seis movimentos do Septeto encadeiam-se de maneira a um só tempo harmoniosa e contrastante. O *Allegro con brio* inicial, precedido de um pòrtico lento (*Adagio*), é de grande vitalidade; o *Adagio cantabile*, por sua vez, emprega um tema (marcado *dolce*) envolvente; ele faz o contraste com o *Tempo di Minuetto* seguinte, marcadamente sincopado. No *Tema con Variazioni*, um motivo de sabor popular é variado cinco vezes, enquanto no *Scherzo*, pelo tom cômico, o autor toma a palavra no seu sentido etimológico de "brincadeira". O final tem início com uma passagem moderada (*Andante con motto alla marcia*) que se liga a um *Presto rodopiante* e repleto de brilho.

BENJAMIN BRITTEN (1913 – 1976) **Quarteto-Fantasia para Oboé** **e Cordas, opus 2**

São muitos os que consideram Benjamin Britten o principal compositor inglês de sua geração. Para alguns comentaristas, ele teria sido o maior talento operístico surgido nas Ilhas Britânicas depois de Henry Purcell. Seja como for, a verdade é que Britten foi o responsável pelo *revival* da ópera inglesa em nosso século, assim como pela criação de todo um repertório de canções e de corais ora para crianças, ora para amadores. Dotado de extraordinário *métier* ele foi particularmente inglês, vale dizer tradicionalista, em boa parte da extensa produção que nos legou.

Britten começou a compor ainda menino, antes de se tornar aluno de Frank Bridge e, a partir de 1930, de freqüentar o *Royal College of Music*, onde teve excelentes mestres. Continuou a escrever muita música depois de formado, inclusive para documentários. Partiu para os Estados Unidos em 1939, em companhia do companheiro inseparável, o tenor Peter Pears. O ciclo de canções *Les Illuminations*, sobre poemas de Rimbaud, a *Sinfonia da Requiem* e *A Ceremony of Carols* estão entre as principais partituras concebidas antes que a ópera *Peter Grimes* transformasse Britten em uma personalidade de repercussão internacional, logo depois da Segunda Guerra Mundial. Além de várias outras óperas, foi o autor do popularíssimo Guia

da Orquestra para os Jovens, da *Spring Symphony* e do *War Requiem*. O Quarteto-Fantasia para Oboé e Cordas, opus 2, é a segunda obra do catálogo oficial do autor. Escrito em 1932, quando o compositor tinha apenas 19 anos, ele revela uma trama formal incomum, ao aliar a forma-sonata ao esquema de variações, em um único movimento. Um *Andante alla marcía* apresenta o tema principal; o *Allegro giusto* que vem em seguida expõe e desenvolve três motivos da forma-sonata; há um retorno do *Andante* inicial, variado; e uma breve recapitulação do *Allegro* de sonata. A obra se encerra através de uma coda onde o tema *Andante* é oferecido uma vez mais.

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Octeto em Fá maior para Cordas e Sopros, D.803 (op. post. 166)

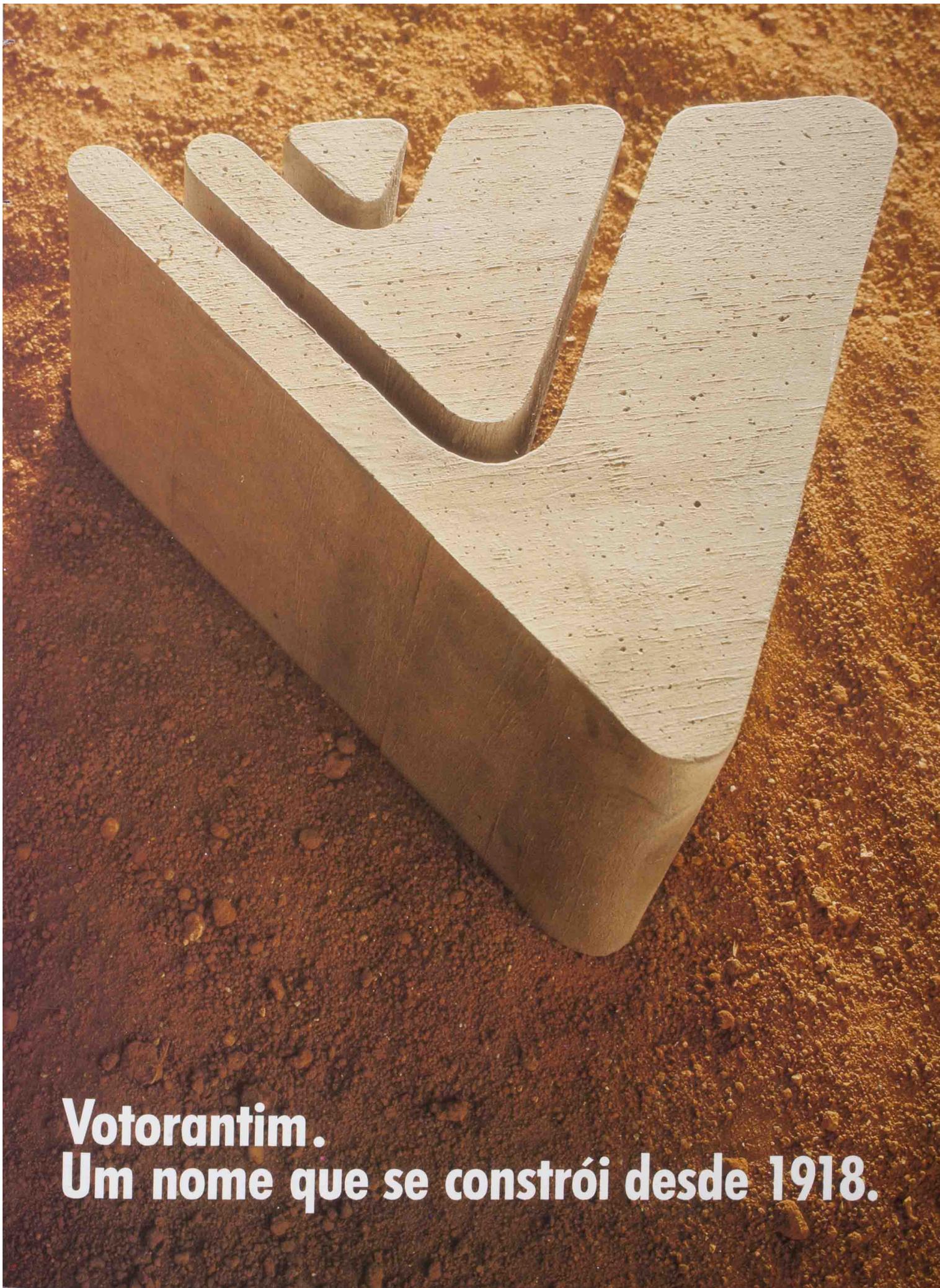
A segunda metade do século XVIII conheceu a era de ouro dos grupos de câmara que, além das cordas, contavam com expressivo número de instrumentos de sopro. Tais agrupamentos foram levados a alturas inimagináveis por Haydn e Mozart em seus divertimentos e serenatas. Entretanto, na virada do século, quando o Classicismo tardio cedia lugar ao florescente Romantismo, tais conjuntos continuaram a gozar de certa voga, como atestam as obras que Beethoven e Schubert destinaram a essas formações.

Se Schubert anteriormente se inspirara em Mozart para compor obras congêneres, foi Beethoven – mais exatamente, no Septeto opus 20 – que ele foi buscar as diretrizes para o seu Octeto em Fá maior, datado de fevereiro de 1824. As indicações nesse sentido são claras: a instrumentação – dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, clarineta, fagote e trompa – é a mesma do modelo, salvo o acréscimo de um segundo violino; o número de movimentos também é igual; e mais – o caráter de certos movimentos, que incluem um minueto e um tema e variações, aponta para a fonte de inspiração. Alguns estudiosos, contudo, afirmam que tal “homenagem” não teria surgido da cabeça de Schubert, mas da do conde Ferdinand Troyer. Este, ao encomendar a obra ao músico, pedira que ele se baseasse no opus 20 beethoveniano,

que o aristocrata admirava há muito tempo. Seja como for, a obra de Schubert revela, no mínimo, duas coisas: seu modelo, efetivamente, é o Septeto de Beethoven; e a riqueza da escritura, que não deve nada à do mestre de Bonn, aponta para a presença de um gênio em cada um de seus compassos. E a aura de milagre não se extingue aí: o Octeto extroverte um clima de alegre desenvoltura que é o mais completo avesso da situação existencial do autor, naquele momento. Pois pouco depois de completar o Octeto, Schubert escreveu a um amigo: “Imagine um pobre diabo cuja saúde não se restabelecerá mais, cujas mais brilhantes esperanças abortaram, a quem as alegrias do amor e da amizade causaram apenas sofrimento e dor... Toda noite, quanto durmo, desejo não mais acordar”.



Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Traduções Eduardo Brandão
Foto Roger Farrington
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**



Temporada 08

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA